
Entrevista

<http://dx.doi.org/10.34019/2594-8296.2021.v27.35481>

Entrevista com Lorne Dawson (Universidade de Waterloo)

Interview with Lorne Dawson (Waterloo University)

Entrevista con Lorne Dawson (Universidad de Waterloo)

José Pedro Zúquete*

<https://orcid.org/0000-0001-6209-6931>

Como citar esta entrevista:

Zúquete, José Pedro. “Entrevista com Lorne Dawson (Universidade de Waterloo)”. *Locus: Revista de História*, 27, n. 2 (2021): 437-444.

Lorne Dawson é professor de sociologia na universidade de Waterloo, na província de Ontário no Canadá, e um dos maiores especialistas atuais sobre terrorismo, radicalização, e violência religiosa. Tem inúmeras publicações sobre estes temas. Publicou 3 livros, editou 5 livros, e mais de 85 artigos e capítulos de livros. Em Fevereiro de 2021 publicou um relatório para o *Centro Internacional de Contra-Terrorismo (ICCT)*, sobre os jihadistas Ocidentais que pode ser consultado aqui: <https://icct.nl/app/uploads/2021/02/Dawson-Comparative-Analysis-FINAL-1.pdf>.

Falámos, em Julho de 2021, com o Professor Dawson sobre o 11 de Setembro, as motivações religiosas e outras por detrás do ataque, e sobre as dinâmicas atuais da radicalização e terrorismo.

- **Qual foi o papel da religião nos ataques de 11 de setembro? Frequentemente, os estudiosos falam sobre queixas, fatores socioeconômicos, razões**

* Investigador principal no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Pós-doc na universidade de Harvard, Zúquete é o autor de *The Identitarians* (2018, Notre Dame University Press), o editor do *Routledge International Handbook of Charisma* (2021, Routledge) e o autor de *Populismo: Lá Fora e Cá Dentro* (no prelo, FFMS). E-mail: jpuquete@gmail.com.

geopolíticas. Estou particularmente interessado em ouvir mais sobre a religião em si.

Determinar o papel preciso da religião na motivação do terrorismo jihadista em geral tem sido controverso.

No início, e em relação aos ataques de 11 de setembro de 2001, era comum que os comentaristas considerassem as afirmações dos próprios terroristas de que haviam sido motivados por uma ideologia religiosa (a saber *salafi-jihadismo*) tomada à letra. Uma ligação muito simplista foi feita entre ideias ruins e ações ruins, e a radicalização dos terroristas foi atribuída à sua exposição a uma ideologia extremista violenta.

Os cientistas sociais logo começaram a se opor a essa visão simplista, desenvolvendo teorias mais complexas de radicalização que eram multifatoriais e abordavam as condições micro (individuais), meso (grupo) e macro (sociais). Não há uma visão consensual, entretanto, e diferentes pesquisadores colocam ênfase em coisas diferentes, queixas políticas, marginalização socioeconômica ou questões psicológicas como a busca por significado ou crises de identidade.

No desejo de se opor ao enfoque simplista apenas na ideologia, o campo de estudo reagiu exageradamente e, como documentei em uma série de publicações, *muitos dos estudiosos mais influentes descartaram injustificadamente o papel da ideologia religiosa*. Eles negam que ele desempenhe qualquer papel significativo na motivação do terrorismo.

No caso dos atacantes do 11 de setembro, o especialista americano Marc Sageman (em 2004) mostrou que os principais membros da Al-Qaeda vinham predominantemente de famílias bastante religiosas, muitos eram muito religiosos quando crianças e todos eram muito mais fervorosamente religiosos na preparação para o ataque. Ele observou, no entanto, que membros europeus posteriores da rede Al-Qaeda vieram de famílias em grande parte seculares, não eram religiosos quando crianças e pareciam experimentar um aumento na religiosidade meses antes de se envolverem no terrorismo. À medida que o fenômeno do chamado “terrorismo local” se tornou a ameaça dominante, com jovens muçulmanos criados no Ocidente atacando seus concidadãos, tornou-se comum notar que eles não eram verdadeiramente religiosos em suas motivações, já que a maioria só havia se tornado fanática em sua prática à medida que se radicalizavam. Isso, combinado com o histórico socioeconômico amplamente pobre da maioria dos jovens radicais, levou os estudiosos a enfatizar que mesmo esse tipo de terrorismo religioso era na verdade uma forma de protesto político e a ideologia jihadista apenas forneceu uma justificativa *post-hoc* culturalmente apropriada para o comportamento extremo.

Isso foi afirmado de muitas maneiras diferentes, mas quando os argumentos são examinados de perto, fica claro que há pouca evidência direta para apoiar tal afirmação, como

demonstrei. Em vez disso, é uma inferência prontamente aceita pelos estudiosos ocidentais por causa de um viés secular em sua abordagem do assunto.

Antes de especificar o que quero dizer, deixe-me observar *dois problemas básicos enfrentados pela maioria das tentativas que desconsideram o papel das motivações religiosas*. O primeiro (I) é o problema da especificidade, que atormenta a maioria das teorias de radicalização. Na maioria dos casos, os fatores associados à radicalização são simplesmente muito difundidos para explicar por que apenas um punhado de indivíduos radicaliza. *As condições de marginalização social, econômica e política vinculadas a se tornar um jihadista na Europa, por exemplo, são vividas por muitos milhares de jovens muçulmanos, mas apenas uma pequena fração apóia uma resposta radical, quanto mais violenta*. Precisamos de uma explicação com maior especificidade. Em segundo lugar (II), *descontar as motivações religiosas implica rejeitar as afirmações motivacionais fervorosas e generalizadas feitas pelos próprios jihadistas, e há boas razões para contestar a validade metodológica de fazê-lo*. Não seria aceito tão prontamente em outros contextos de investigação científica social. Temos a obrigação de evitar substituir as razões que fazem mais sentido para nós, como observadores externos, por aquelas declaradas de forma tão forte e consistente por pessoas de dentro, por aquelas que estão sendo estudadas.

Existem três aspectos relacionados ao *preconceito secular exibido por muitos dos estudiosos mais proeminentes dos jihadistas ocidentais*, tanto terroristas locais quanto combatentes estrangeiros que partiram aos milhares para lutar na Síria e no Iraque. Em primeiro lugar (I), é comum confundir níveis de conhecimento religioso com evidências de religiosidade - do grau de compromisso pessoal com uma cosmovisão religiosa e a relevância da religião para a vida e identidade de alguém. É comumente argumentado que a maioria dos recrutas jihadistas no Ocidente não tem formação religiosa e exibe uma compreensão limitada da teologia islâmica, embora as evidências apresentadas para apoiar essa afirmação sejam muitas vezes escassas. No entanto, sociólogos e psicólogos demonstraram há muito que há pouca correlação entre os níveis de conhecimento religioso por se e o grau de religiosidade. “Religião vivida” é um assunto muito mais confuso e inconsistente do que a maioria das organizações religiosas, tradições e líderes gostariam que fosse o caso. *Religiosidade é mais sobre experimentar um grau satisfatório de certeza afetiva ou segurança ontológica*, enquanto deixa os pontos mais delicados da doutrina para os especialistas religiosos. Os ideólogos jihadistas salafistas parecem ter fornecido uma interpretação muito clara, concisa e pragmaticamente atraente de como ser um “verdadeiro muçulmano” em um mundo aparentemente hostil e pecaminoso. Isso é verdade, não importa o quão heterodoxos seus pontos de vista sejam declarados por outros muçulmanos, que parecem ter alcançado um compromisso com o mundo secular ocidental. Em segundo lugar (II), como resultado da história única da evolução da religião no contexto ocidental moderno, a religião e a religiosidade foram “privatizadas”. Este é um aspecto fundamental da

secularização de muitas nações e culturas ocidentais. Por razões políticas e sociais, a prática da religião se diferenciou e perdeu sua autoridade sobre outros aspectos da sociedade, como economia, Estado, educação, medicina e até sexualidade. Normativamente, a religião continua a ser valorizada e protegida, mas como um assunto privado sem jurisdição real sobre os assuntos públicos. Consequentemente, mesmo quando estudiosos confrontam repetidas afirmações de jihadistas de que suas ações violentas refletem seu desejo de ser “verdadeiros muçulmanos”, as alegações são frequentemente tratadas, incorretamente, como meramente “motivações pessoais”, e não políticas. Isso envolve *a aplicação irrefletida de uma postura normativa ocidental moderna sobre a religião e seu papel na sociedade*. Para os jihadistas, entretanto, e muitas outras sociedades ao redor do mundo, não há separação estrita das esferas pública e privada quando se trata de religião, e todas as verdadeiras expressões de religiosidade têm um aspecto decididamente político. Terceiro (III), como isso indica, a separação ocidental moderna entre religião e política, que foi essencial para o surgimento das democracias liberais, não é normativa em todos os contextos, mesmo no mundo ocidental. *Os estudiosos ocidentais presumem repetidamente, sem fornecer muitos argumentos, que as motivações políticas são mais primárias e consequentes e, portanto, entendem as ideologias religiosas como meramente fornecendo camuflagem para razões mais seculares para o terrorismo*. Para os “fundamentalistas muçulmanos” de todos os matizes, entretanto, e particularmente os jihadistas salafistas, a religião é subordinada à política em todos os aspectos, de acordo com uma concepção mais tradicional da ordem social ideal. O rebaixamento da religião é parte do que os jihadistas estão se esforçando para reverter, e precisamos reconhecer que as pessoas continuam dispostas a sacrificar suas vidas para servir ao que consideram uma concepção mais legítima e transcendente do significado da vida. Podemos achar este ponto de vista fundamentalmente antitético à nossa visão e compromissos e, portanto, perigoso, mas como estudiosos que procuram entender o que está acontecendo, *não podemos negar a validade das afirmações sobre a motivação religiosa porque elas entram em conflito com nossa leitura necessariamente historicamente condicionada daquilo que mais interessa*. As motivações religiosas estão entrelaçadas com outras, de maneiras que as pessoas entendem e não entendem totalmente, mas na ausência de evidências convincentes (que é o caso nos estudos de radicalização), *há pouca razão metodológica sólida para descartar as afirmações motivacionais professadas de “religiosos terroristas” - que são de natureza esmagadoramente religiosa*. Fazer isso é contraproducente, pois tende a agravar, ao invés de melhorar, o problema da especificidade, quando se trata de explicar a radicalização dos jovens muçulmanos nas sociedades ocidentais.

- **Você acha que, vinte anos após 11 de setembro, o extremismo jihadista está se tornando menos intenso? Parece que sim, especialmente após a queda do Estado Islâmico e o declínio da Al Qaeda.**

A resposta correta é sim e não. Pesquisas que rastreiam incidentes terroristas em geral e conspirações e ataques jihadistas em particular na Europa, Reino Unido, Canadá, Estados Unidos e Austrália demonstram de forma esmagadora que houve um pico de atividade correspondente à ascensão do Estado Islâmico (EI) e a declaração de seu Califado em 2014 (ver, por exemplo, os estudos de Petter Nesser). Mais ataques aconteceram com maior letalidade durante o auge da popularidade do IS do que em qualquer outro período. O Estado Islâmico teve um sucesso notável com sua propaganda e apelos à ação. Isso é compreensível, dados os recursos sem precedentes que o EI dedicou a este trabalho. Minha própria pesquisa abrangente, com Shandon Harris-Hogan (especialista Australiano sobre terrorismo), sobre a atividade jihadista no Canadá e na Austrália revela que a grande maioria dos incidentes de terrorismo, sejam conspirações bem-sucedidas ou interrompidas, seguiram os apelos explícitos de Muhammad al-Adnani (um porta-voz importante do EI, morto na Síria em 2016) para atacar pessoas na América, Europa, Canadá e Austrália por todos os meios possíveis (ou seja, usando armas, facas, carros, etc.). Com a derrota militar do IS em 2016-2018, houve um declínio acentuado nos incidentes. No entanto, apesar da mudança acentuada no foco de atenção para o extremismo de extrema-direita após os acontecimentos nos Estados Unidos (especialmente o ataque ao Capitólio em Washington, DC em 6 de janeiro de 2021), *a maioria dos incidentes reais de violência terrorista, na Europa, pelo menos, continuam a ser jihadistas e influenciados pelo califado virtual em curso do Estado Islâmico.*

Pouco depois do declínio do IS, pediram-me para falar sobre as consequências para analistas do Serviço de Inteligência de Segurança Canadense. Entre outras coisas, observei que a pesquisa sobre o fracasso da profecia, no caso dos movimentos religiosos, demonstrou que grupos como o IS provavelmente permanecerão resilientes diante da aparente refutação de sua visão do futuro. Também perguntei se algum aspecto das condições sociais, econômicas, políticas e ideológicas gerais que deram origem ao EI na Síria e no Iraque, e aos jihadistas na Europa, realmente mudou. Lamentavelmente, acho que podemos recorrer às palavras de Jean-Baptiste Alphonse Karr: “plus ça change, plus c'est la même chose” - quanto mais as coisas mudam, mais permanecem as mesmas.

Conseqüentemente, o EI voltou a ser um grupo insurgente e lançou centenas de ataques na Síria e no Iraque nos últimos dois anos (embora muito disso não seja relatado no Ocidente). *Se os Taliban voltarem a triunfar no Afeganistão, como parece provável, não acho que haja muitos motivos para pensar que o*

extremista jihadista vai desaparecer - e sua força em outros lugares se traduzirá em terrorismo “homegrown” interno ao Ocidente.

O terrorismo acontece aos arrancos e solavancos e, durante décadas, a tendência tem sido longos períodos de relativa inatividade seguidos por picos de atividade mais breves. Portanto, a vigilância constante é necessária, e há uma necessidade significativa de pesquisas mais avançadas sobre questões primárias como a suposta relação entre a marginalização socioeconômica e o extremismo violento. Meu estudo recente resumindo criticamente os dados empíricos disponíveis sobre combatentes estrangeiros ocidentais (veja o Centro Internacional de Contra-Terrorismo), documentou as evidências fragmentárias e inconclusivas disponíveis. A maioria dos pesquisadores europeus assume a primazia desses fatores na radicalização, mas o registro é inconclusivo. Em todos os lugares dos estudos de radicalização, encontramos a necessidade de dados mais primários, especialmente entrevistas em profundidade com aqueles que se radicalizaram ou iniciaram esse caminho. Somente por meio de tais entrevistas podemos esperar determinar se as conexões postuladas com fatores causais, mesmo os bastante simples, são realmente relevantes. Os alunos com fraco desempenho escolar têm maior probabilidade de radicalizar, por exemplo, ou a correlação estatística observada (pelo menos no contexto europeu) reflete o fato de que muitos dos que radicalizam abandonam a escola? Ambos podem ser verdadeiros, mas a natureza do *link* precisa ser desenvolvida e medida com mais precisão.

- **Quais são as descobertas principais de sua pesquisa sobre combatentes jihadistas estrangeiros? Quais são os principais fatores por trás da radicalização dos jovens muçulmanos no Ocidente?**

Há maior heterogeneidade entre aqueles que se radicalizam do que muitas vezes se imagina, e não há duas pessoas que se radicalizem exatamente da mesma maneira. No entanto, existem fatores e padrões comuns.

Muito mais jovens muçulmanos no Ocidente saíram para lutar na Síria e no Iraque, e em outros lugares, do que se voltaram para a violência em casa, porque (como o acadêmico norueguês Thomas Hegghammer argumentou), o limite moral é menor e o apelo à aventura é maior. É mais fácil se envolver em uma ação militar contra um regime infiel que está “matando crianças muçulmanas e estuprando mulheres muçulmanas” do que desencadear violência contra seus “vizinhos” - não importa o quão alienado você se sinta.

Os dados para combatentes estrangeiros ocidentais, embora incompletos e inconsistentes, sugerem de forma geral que:

- grande maioria eram jovens de famílias de imigrantes muçulmanos e a idade média era de 26 anos;

- cerca de 18 por cento eram mulheres e eram em média muito mais jovens (21 anos);

- cerca de 15 por cento foram convertidos ao Islã;

- cerca de 80% eram cidadãos dos países em que viviam;

- na Europa, a maioria vinha das camadas socioeconômicas mais baixas da sociedade e tinha níveis mais baixos de realização educacional e níveis mais altos de desemprego; mas na América do Norte, e em parte no Reino Unido, muitos mais eram mais bem-educados e vinham das classes médias;

- existe uma espécie denexo entre a atividade criminosa anterior e o envolvimento com o terrorismo, já que um número desproporcional de combatentes estrangeiros tem antecedentes criminais, mas isso varia de país para país e a maioria dos combatentes estrangeiros não tem envolvimento anterior na criminalidade

- os dados sobre a saúde mental dos combatentes estrangeiros ocidentais são altamente inconsistentes e inadequados; alguns estudos sugerem uma ligação forte, mas no geral é a relativa “normalidade” dos combatentes que se destaca;

- finalmente, muito do trabalho sobre o significado da ideologia na motivação dos lutadores é inconclusivo - tanto os estudos que atribuem significado à religiosidade quanto aqueles que a negam; existem sérios problemas com os pressupostos teóricos, métodos e tamanhos de amostra da maioria desses estudos.

Ao explicar por que eles se radicalizaram, sou a favor de uma abordagem socioecológica, multifatorial, multidisciplinar e flexível. *Argumentei a este respeito que devemos considerar os diferentes aspectos da interação dos indivíduos com uma série de condições ambientais relevantes, começando no nível macro com certas realidades estruturais sociais da modernidade tardia, e movendo-se através de aspectos da experiência do imigrante, o cultura da rebelião juvenil e a influência específica da comunidade jihadista e sua ideologia, e terminando com os efeitos psicológicos sociais da dinâmica de pequenos grupos de grupos de amigos e pares com os quais se radicalizam. O processo geral é complexo e não linear, e há muitas oportunidades para alguém desistir.*

Muitos combatentes persistem, entretanto, porque beneficiam da nova certeza e do senso de propósito final transmitido a suas vidas. Nesse sentido, eles não são muito diferentes de outros jovens que optam por seguir outros caminhos não ortodoxos e desafiadores na vida, exceto que as circunstâncias direcionaram sua atenção e desejos para uma direção problemática.

Muito pode ser aprendido com análises comparativas com situações análogas, como ingressar em gangues de rua ou novos movimentos religiosos. Emprestando os termos do psicólogo social Arie Kruglanski e seus

colegas, eles têm uma “necessidade” que encontra expressão e satisfação em uma “narrativa” ativamente apoiada por uma “rede” de companheiros de busca. No entanto, a ausência de queixas reais - tanto no exterior quanto em casa - reduziria os números atraídos por essa narrativa e rede. Na sociedade globalizada de hoje, a solidariedade com um grupo escolhido, uma identidade significativa, continua a ter grande importância, mas em uma escala global e não apenas local.